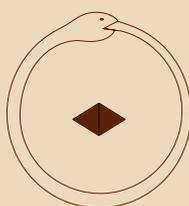


RELATÓRIO
ESCOLAS VIVAS
março a maio 2023
Cristine Takuaí



O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA VIVA?

Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA DO POYO HUNI KUIN

Responsáveis: Dua Buse Huni Kuin

No início do mês de março conversei com Kawa, que sempre mantém o diálogo com a aldeia Coração da Floresta, para poder receber mensagens de Dua Buse e sua família. Kawa estava se preparando para subir o rio Jordão e ir ao encontro de Dua Buse, que completa 90 anos no dia 15 de março.

Muitos netos, netas e familiares vão ao encontro para celebrar juntos a vida desse grande mestre.

Aproveitei a oportunidade e gravei alguns vídeos e mensagens de áudio para que Kawa levasse até a aldeia, carregando alguns pensamentos, perguntas e informações sobre os sonhos para a Escola Viva em 2023.



Dua Buse em sua comunidade e com sua esposa Nete



Kawa subindo o Rio Jordão

Kawa e Erik (amigo da família de Dua Buse) voltaram ao Jordão depois do aniversário e trouxeram muitas mensagens para compartilhar comigo de seus sonhos, desafios e realidades. Dua Buse está planejando viajar com sua esposa, Nete, à Europa em abril para fazer um intercâmbio cultural, mas ainda está refletindo se realmente terá permissão dos yuxibu (espíritos donos-mestres) para realizar essa viagem tão longa. Dua Buse me mandou vídeos e áudios respondendo às mensagens que enviei através de Kawa.

Dua Buse me contou que a Aldeia Coração da Floresta está passando por grandes desafios para garantir alimentação a todas as famílias, pois estão começando uma aldeia nova do outro lado do rio, e, como os roçados ainda estão iniciando, não há garante alimento suficiente para todos.

No Rio Jordão, houve duas enchentes entre os meses de fevereiro e março, e o rio subiu 7 metros de altura. Com os dias de chuva, a pesca e a caça ficam bem difíceis, afetando também o poço e todo o trabalho.

Nete e sua filha Ayani, parteira e dedicada aluna dos saberes de tecer, estão buscando aprender a arte do kene (grafismo) e todas as suas técnicas. A tecelagem Huni Kuin é uma arte muito primorosa, tem os cantos tradicionais relacionados a cada kene, através de medicinas apropriadas para ensinar, animar e trazer visões. As meninas novas tradicionalmente aprendem essa arte com sua avós e mães, mas hoje em dia algumas não aprenderam, por isso Nete sonha fortalecer o roçado de algodão e criar uma Escola de Tecelagem, para que muitas meninas possam subir o rio e ir estudar com elas, que são conhecedoras de muitos kene.



Dua Buse é conhecedor de centenas de medicinas para curar os mais diversos tipos de doenças que acometem o corpo e o espírito das pessoas. É um grande mestre dos conhecimentos tradicionais da saúde. O cultivo das medicinas de Dua Buse poderia curar muitos de seus parentes, que muitas vezes ficam no rio Jordão, para estudar na escola do não indígena ou para trabalhar, e acabam esquecendo desses saberes e fazeres tão ancestrais, passando a se cuidar somente com tratamentos alopáticos que não curam e enfraquecem a alma de muitos. Por isso, o mestre também sonha fortalecer o seu parque de medicinas, para que também os jovens subam o rio para estudar na Escola Viva com ele, e possam aprender junto aos mestres e aos donos-mestres das plantas.



Dua Buse no parque de medicinas

No início de abril, Maná, filho de Dua Buse, entrou em contato para saber sobre os apoios à Escola Viva Huni Kuin, dizendo sobre a importância desse recurso para seu pai e toda a família da aldeia Coração da Floresta. Estão passando por um período em que as roças ainda estão escassas e o recurso tem sido um grande apoio para garantir que os trabalhos continuem e as famílias tenham alimento. O povo Huni Kuin é detentor de grandes conhecimentos sobre o roçado de várias espécies de cultivos, como amendoim, mandioca, banana e uma diversidade de batata. No entanto, os efeitos das mudanças climáticas, como grandes chuvas, e interferências da cultura dos *nawa* (como chamam aos não indígenas) têm afetado o equilíbrio e a manutenção dos roçados em grande parte das aldeias.

Kawa, que sempre me traz mensagens sobre a família, relatou que Dua Buse e sua esposa resolveram não viajar mais para a Europa, pois não se sentem preparados para ir tão longe, e decidiram ficar na aldeia cuidando do parque de medicinas e do roçado.

Dua Buse é um grande conhecedor das plantas e dos cantos, e sonha em ampliar sua pesquisa e compartilhar esses estudos com os mais jovens, para que não se esqueçam da memória ancestral de todos esses saberes. Já foram feitas algumas publicações sobre os cantos, mas Dua Buse pretende fazer uma revisão delas e ampliá-las. Também há uma expectativa de jovens que vêm buscando conhecer as plantas perfumosas de fazer uma publicação. Dua Buse pensa em contribuir com essas pesquisas e compartilhar de todos os saberes que possui para que fiquem registrados e esses jovens possam se tornar guardiões da memória Huni Kuin.

Nete, esposa de Dua Buse, segue com a filha, tecendo e transmitindo os seus saberes a ela e algumas netas. Sonha com fazer um encontro de mulheres Huni Kuin, para que possa compartilhar e trocar sua experiência com outras mulheres, que ao longo de geração em geração vêm guardando os saberes do plantio do algodão e as visões dos kene (grafismos) que são tecidos.



No mês de maio, Dua Buse e sua comunidade, da Aldeia Coração da Floresta, participaram de encontro com quatro aldeias vizinhas – Paz do Senhor, Belo Monte, Flor da Floresta e Reino das Estrelas. Os pajés, professores, agentes de saúde e agroflorestais puderam pensar em como organizar os parques de cultivo de medicações, através de laboratórios de pesquisa, para assim fortalecer os estudos e os territórios. Através dos intercâmbios de sementes e mudas, cada aldeia irá aumentando os roçados; e também, através da pesquisa com os anciãos, os jovens poderão estudar os cantos e os entendimentos da ciência da floresta.

A aldeia Coração da Floresta é um espaço de referência para muitos jovens Huni Kuin, pois lá está concentrado Dua Buse, um grande conhecedor das plantas e dos cantos tradicionais de seu povo. Com alegria e generosidade, Dua Buse sempre se anima em compartilhar as histórias, os cantos das plantas e dos animais com seus netos, netas e jovens que chegam buscando estudar. Também Nete, grande conhecedora da arte dos kene, grafismo tradicional, que cria formas e mensagens de uma linguagem ancestral através da tecelagem.



Durante esse mês, muitos povos indígenas estão se mobilizando para dizer não ao Marco Temporal, um projeto de lei que quer dificultar os processos de demarcação dos territórios indígenas. Os povos indígenas do estado do Acre têm uma grande luta há décadas para garantir os seus territórios e assim poder cuidar das florestas, pois é nelas que habitam as medicinas e a escola viva. Várias famílias do Alto Rio Jordão se uniram para cantar suas rezas e se manifestar em defesa da vida das florestas.



APNE IXKOT HAMHIPAK ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

Durante o mês de março, a coordenadora Sueli Maxakali organizou toda a comunidade da Aldeia-Escola-Floresta para fazer um grande plantio de mudas de frutíferas e nativas da Mata Atlântica. O sonho de trazer a mata grande de volta é o que impulsiona e nutre a força e ânimo de plantar muito a cada dia. Desde que retomaram o território onde hoje é a Aldeia-Escola-Floresta, Isael, Sueli e toda a comunidade Maxakali seguem com suas rezas buscando curar a terra, para que futuramente os bichinhos voltem e as crianças possam brincar felizes e, assim, ter alimento saudável e verdadeiro para seu povo e também para alimentar os yamixop, espíritos guardiões de todos os seres.



Intercâmbios e parceria com a Teia dos Povos têm sido realizados para trocar sementes e encontrar mudas nativas da mata grande.

Durante o mês de março, também houve preparação para ir a Brasília (DF) para participar do Acampamento Terra Livre (ATL), em abril. Toda a comunidade se juntou nos rituais para ter força e proteção e para que o seu território seja reconhecido, podendo assim libertar a água, que segue represada por fazendeiros vizinhos à comunidade. O grande sonho de Sueli é libertar o rio, para que corra livremente seu caminho e possibilite que as crianças brinquem tranquilas.



No final do mês de março, Sueli e Isael Maxakali estiveram em São Paulo. Sueli fez uma entrevista para tirar o visto para viajar a Nova York (Estados Unidos), pois foi convidada para mostrar seu filme e dar uma palestra em maio. Sueli, além de liderança e educadora, é também uma grande cineasta, e traz através de sua arte mensagens sobre seu povo, sua história e cultura.

No mês de abril, a comunidade Aldeia-Escola-Floresta participou de uma oficina em parceria com a ação “Saberes Indígenas na Escola”, da UFMG, coordenada pelo antropólogo Roberto Romero. Nesse encontro se reuniram crianças, jovens e anciãos para dialogar sobre as roças tradicionais e as variedades das espécies de batata-doce, mandioca, cana. Foram realizados muitos desenhos dos cultivos e suas cores. Foram momentos muito animadores, através da contação de histórias e narrativas sobre cada um desses alimentos tão sagrados, pensando na saúde e no futuro das crianças.



Durante o mês, também foram realizadas diversas atividades culturais com os jovens e crianças, como brincadeiras e cantorias para fortalecer a luta e também seguir com os preparativos para a viagem a Brasília, para o Acampamento Terra Livre. O povo Maxakali resiste há décadas lutando para que seus territórios sejam reconhecidos pelo governo.



A presença Maxakali e seus cantos ecoaram forte no Acampamento Terra Livre em Brasília. Momentos marcantes e importantes diálogos aconteceram e garantiram o reconhecimento da terra da Aldeia Escola Floresta como território Maxakali. Sueli seguiu se preparando para embarcar para Nova York assim que retornasse de Brasília.



No início do mês de maio, Sueli Maxakali, acompanhada de Carolina Canguçu, pesquisadora de cinema indígena, foi à Nova York participar de uma sessão comentada de seu filme *“Nūhū yāgmū yōg hām: essa terra é nossa!”*, no Brooklyn College. Nesse encontro, Sueli teve a oportunidade de falar sobre sua arte e sobre a resistência de seu povo, que ela vem transmitindo ao mundo através do cinema.



Em março, o Ministério Público Federal (MPF) do estado de Minas Gerais, em parceria com o Instituto Opaoka, aprovou um projeto chamado *“HĀMHI - Terra Viva”*, para executar uma formação de agentes agroflorestais nos territórios Maxakali. A ideia do projeto é formar agentes agroflorestais, com uma perspectiva de datação de sistemas agroflorestais e de áreas de reflorestamento nos territórios de Pradinho, Água Boa, Aldeia Verde, Cachoeirinha e na Aldeia-Escola-Floresta. Em maio começaram as atividades de mapeamento e oficinas de desenhos do projeto, para juntos fortalecer a cura da terra e preservar a *“Terra Viva”*. Os Maxakali sonham trazer a floresta de volta para seus territórios, assim como alimentos tradicionais, como as várias espécies de batata doce e mandioca. Todo o trabalho será acompanhado pelo antropólogo Roberto Romero e pela pesquisadora Rosângela de Tugny.





Durante os últimos meses, a Escola Viva Maxakali vem se dedicando a cuidar do viveiro de mudinhas de frutas nativas da Mata Atlântica e outras plantas diversas para que o território da Aldeia Escola Floresta se fortaleça cada vez mais. Agora, com essa parceria do projeto “Hâmhi”, poderão aumentar os viveiros e a sustentabilidade da comunidade.

PONTO DE CULTURA "MBYA ARANDU PORÃ" DO POVO MBYA GUARANI

Responsável: Carlos Papá

No início do mês de março, recebemos jovens da aldeia Tenondé Porã para um intercâmbio. Nesse encontro, o coordenador da Escola Viva Guarani, Carlos Papá, falou da espiritualidade guarani, dos caminhos de acesso ao Bem Viver e dos cuidados com o corpo através do uso das medicinas da floresta. Fizemos caminhadas pela mata e uma cerimônia espiritual para conversar e aprender com as plantas. Foram ricos momentos de trocas e compartilhamentos de experiências, nos quais os jovens relataram seus desafios e sonhos. A Escola Viva Guarani tem uma grande missão de apoiar e incentivar os jovens a se fortalecer, estudando e aprendendo com as grandes mestras: as plantas que curam e animam a nossa vida. Eles levaram mudas de algumas plantas e muitos aprendizados nesses dias de intercâmbio.



Jovens da aldeia Tenondé Porã

No dia 15 de março, o grande líder Davi Kopenawa Yanomami recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Unifesp. Carlos Papá e eu fomos convidados a participar da homenagem a ele, que foi realizada no Sesc Vila Mariana, onde se reuniram muitas lideranças indígenas, num evento nomeado “Efeito Kopenawa”. Davi Kopenawa é um grande mestre e defensor de seu povo Yanomami, vem há muitos anos lutando contra a mineração que destrói a floresta e a cultura de seu povo.



No dia 25 de março, realizamos a cerimônia do *Ka'a Nhemongarai* (cerimônia da erva mate), encerrando o *Ara Pyau*, tempo novo guarani, e dando início ao *Ara Ymã*, tempo velho, momento de recolhimento e concentração. Foi uma cerimônia muito forte, onde Carlos Papá deu muitas orientações aos jovens presentes e conselhos para seguir com cuidado e atenção no tempo que se inicia. A *ka'a*, erva mate, é muito sagrada para o povo guarani, e sempre que há mudança de estação costuma-se consagrar a erva mate para que todos tenham fortalecimento e proteção.



Jovens meninos iniciando a cerimônia de consagração da *Ka'a*, erva mate



Opy'i, casa de reza, durante a cerimônia da Ka'a.

No final do mês, fomos convidados pelo Museu de Imagem e Som para ir ao Ceará participar do Seminário de Memória e Museologias. Lá tivemos a oportunidade de visitar a comunidade indígena Jenipapo Kanindé, próxima a Fortaleza. Foram momentos de muita emoção conhecer a cacica Pequena e rever amigos durante o seminário, como Antônia e Suzenalsom Kanindé, Heraldo Preá Jenipapo-Kanindé. Conhecemos o Museu fundado por cacica Pequena e sua família, com muita luta e resistência.



No mês de abril, muitas atividades foram desenvolvidas na Escola Viva Guarani. Carlos Papá, conhecedor das histórias e da memória ancestral, costuma caminhar na mata com as crianças, falando da importância de se compreender e respeitar o tempo, e de saber entrar e sair da mata. Sempre que caminhamos, algumas crianças se juntam para conhecer mais sobre as plantas e os bichinhos que vivem na Nhe'ẽry, Mata Atlântica.



No início do mês, recebemos a visita de Vera Fróes, grande conhecedora das plantas que curam, Rodrigo Quintela, médico e estudioso das medicinas da floresta, e de Ju Nabuco, pesquisadora das plantas perfumosas que curam e alegam a vida. Trocamos muitas experiências sobre as plantas e as práticas de cura. Vera nos trouxe muitas mudinhas de medicinas para enriquecer o viveiro da Escola Viva.



No dia 15 de abril, Carlos Papá e eu fomos ao Rio de Janeiro (RJ) para participar do encontro “Memórias Ancestrais”, produzido pelo *Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida*. Esse evento foi uma vigília da oralidade, onde fizemos uma fogueira em frente ao Museu Nacional. Foi um encontro muito profundo. Se realizou o lançamento do livro “Umbigo do Mundo”, de Francy e Francisco Fontes Baniwa, que vieram do Rio Negro (AM) para compartilhar suas narrativas e sonhos. Carlos Papá foi o guardião do fogo e falou do escuro e da imensidão da vida, o caminho de acesso ao *arandu* (sabedoria). Eu compartilhei a história de Ka’a (erva mate) e Takua (taquara), filhas de *Nhanderu*, e trouxe reflexões sobre as possibilidades criativas e desafiadoras de acesso ao Bem Viver.



Fotos: Ju Chalita

No dia 21 de abril, recebemos várias visitas consulares. Recebemos o Cônsul da Embaixada da França Yves Teyssier d'Orfeuill e sua família: o Cônsul da Embaixada do Paraguai, Luis Ávalos, junto a sua esposa Adina; e também o Cônsul da Embaixada da Alemanha, Joseph Weiss, com sua companheira. Anai Vera, colaboradora da Comunidade Selvagem, também acompanhou a visita. Caminhamos na floresta, conversamos e apresentamos a Nhe'ëry para eles. Falamos sobre política, arte, memória e educação. Foram interessantes momentos de trocas e aprendizados.



No dia 22 de abril, recebemos um grupo de jovens da aldeia Tenondé Porã para fazer um intercâmbio e troca de saberes junto aos jovens da nossa comunidade. Carlos Papá compartilhou seus saberes e fazeres da cultura guarani. Ricas trocas e momentos de concentração com uma cerimônia espiritual, através dos estudos com as plantas que mostram os caminhos do entendimento, guiaram esse lindo encontro. No dia seguinte, também veio nos visitar uma família do povo Pyanawa do estado do Acre, que veio conhecer a floresta e nossa comunidade. Tivemos a oportunidade de trocar experiências e aprender com a luta e resistência desses parentes que vivem na floresta Amazônica.



No final do mês de abril a Escola Viva guarani recebeu a visita de Alberto Álvares, cineasta guarani que veio para entrevistar a mim e a Carlos Papá, sobre espiritualidade, arte, cinema e educação.



Finalizamos o mês de abril com a grande perda de um mestre, companheiro, rezador e amigo: Xifu, nosso cachorro. A presença dele na Escola Viva era de grande importância, pois ele era o guardião da casa de reza e de nossa morada. Minha sogra, uma grande anciã, contava que devemos respeitar muito os cachorros e que eles são sagrados e seus espíritos muito fortes, são como *xondaro* (guerreiros) que nos acolhem no retorno à morada sagrada de *Nhanderu*.



No início do mês de maio, Carlos Papá e eu fomos convidados para uma reunião com o parlamento alemão na casa do Embaixador da Alemanha em São Paulo (SP). Nessa reunião, também estiveram presentes representantes de organizações da sociedade civil. Tivemos a oportunidade de apresentar as demandas dos nossos territórios e o sonho de fortalecer cada vez mais as Escolas Vivas. Também falamos da importância de se criar um Fundo para proteger e cuidar da Nhe'ëry, a Mata Atlântica.



No dia 10 de maio, eu recebi um prêmio do Instituto Identidades do Brasil, chamado “Sim à Igualdade Racial”, no pilar “Inspiração na Educação”, em reconhecimento à sementeira que venho fazendo nos últimos anos no campo da educação. A premiação aconteceu no Teatro Riachuelo, no Rio de Janeiro (RJ), e reuniu várias lideranças indígenas. Houve também outras pessoas premiadas, como alguns representantes do movimento negro, além de artistas e pensadores.



Nos dias 12 e 13 de maio, no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, Carlos Papá e eu participamos do evento “Cosmovisões da Floresta”. Nesse evento, Anita Ekman e Sandra Benites apresentaram o resultado dos três anos do processo de pesquisa e criação de obras de arte contemporânea colaborativas do projeto “Ore Ypy rã - Tempo de Origem”. O encontro reuniu a arte e o pensamento do Marajó, do Rio Negro e da Nhe’ẽry (Mata Atlântica). Houve exposições de arte contemporânea, cerâmica e palestras. No âmbito do evento, o *Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida* realizou o lançamento do livro “Umbigo do Mundo”, de Francy e Francisco Fontes Baniwa, além de oficina com as crianças presentes, uma oficina em impressão 3D em cerâmica, de criação de carimbos para pintura corporal e de pintura em tecido. Essas oficinas tiveram a condução de Chico Simões, Anita Ekman e Veronica Pinheiro.



Fotos: Ju Chalita

No dia 22 de maio, Carlos Papá reuniu jovens artistas para uma oficina preparatória para o “Ciclo Nhe’ëry • Ayvu Pará”, que aconteceria no Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo, entre os dias 30 de maio à 3 de junho. Nesse ciclo os jovens iriam fazer uma cartografia da floresta Nhe’ëry, trazendo, através da arte, suas percepções sobre os seres que habitam a Mata Atlântica.



No dia 23 de maio, a Escola Viva Guarani recebeu um grupo de indígenas dos povos Terena, Kaingang/Krenak, Tupi Guarani e Pankararu, membros do Conselho Aty Mirim do Museu das Culturas Indígenas. Foi realizada uma imersão artística e reflexiva para a elaboração do projeto expográfico da “Exposição Indígenas SP”, sobre a presença indígena no estado de São Paulo. Foram três dias de muita reflexão e conversas sobre os processos históricos, muitos deles violentos, na criação de territórios indígenas durante a ditadura militar.



No dia 30 de maio, a Escola Viva Guarani, junto com a equipe do *Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida* em parceria com o Museu das Culturas Indígenas, iniciou o ciclo de estudos sobre a Nhe'ẽry, chamado "Nhe'ẽry • Ayvu Pará", que significa "desenho da fala. A Nhe'ẽry  como os Guarani concebem a floresta os rodeia, a Mata Atlântica, e significa "onde os espíritos se banham". Ao longo do ciclo, Papá trouxe práticas da língua guarani e elementos da filosofia e cosmologia ancestral. Cada dia contou com uma temática específica e um convidado Guarani. Também os jovens da aldeia desenvolveram uma cartografia dos seres que habitam a floresta.



Foto: Elisa Mendes

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA “BAHSERIKOWI” DOS POVOS TUKANO, DESANA E TUYUCA

Responsável: João Paulo Barreto

Encontro de projetos dos movimentos sociais do Fundo Brasil

No mês de março de 2023, Carla Fernandes, administradora do Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi”, realizou uma viagem a São Paulo para representar o Bahserikowi no encontro de projetos sociais do Fundo Brasil de Direitos Humanos que foram contemplados no edital do ano 2022. No evento, Carla falou da existência e resistência do centro durante os cinco anos desde a fundação e comentou sobre a criação do espaço, sobre os procedimentos para os tratamentos das enfermidades e sobre as atividades, como os tratamentos com os *kumuã*.



Bahserikowi apoia treinos do time de Futebol Indígena do Rio Negro

Ivan Barreto, coordenador do Bahserikowi, é também presidente do time de futebol indígena e responsável pelos treinos que acontecem semanalmente no campo do Centro Desportivo, um lugar onde os jovens levam seus familiares para acompanhar os treinos dos filhos. O Bahserikowi apoia as atividades, oferecendo alimentação aos jovens e seus familiares após os campeonatos e treinos.

Participação do Bahserikowi no processo da construção do projeto voltado ao conhecimento dos Kumuã dos lugares cosmológicos

No início do mês, o coordenador do Centro, Ivan Barreto, viajou ao município de São Gabriel da Cachoeira (AM) junto com o professor Raoni Valle, da Universidade Federal do Pará, para conversar sobre arqueologia do Alto Rio Negro, sobre os lugares sagrados, desenhos gravados nas pedras e nas cavernas, para assim fazer uma parceria entre o Centro e a UFPA. Durante a viagem, se realizou um diálogo com as lideranças da comunidade e os representantes que cuidam das Terras Indígenas para apresentar os objetivos do projeto. Foi explicado, então, que na comunidade Serra do Mucura existem duas cavernas - a Mucura e o Inhambu - e que, dentro delas, há vários desenhos e grafismos importantes para os povos indígenas do Alto Rio Negro, pois representam a proteção dos corpos contra as doenças e os feitiços. Um dos principais objetivos é mapear e identificar esses lugares cosmopolíticos, para o bem-estar e equilíbrio entre humanos e não-humanos, seres visíveis e invisíveis.

A parceria entre o professor Raoni Valle e o Centro de Medicina Indígena visa a fazer um paralelo entre o mundo cosmológico e o conceito do mundo arqueológico, assim mostrar a importância dos lugares vivos e todo o conhecimento e a memória praticada pelos kumuã, e a partir daí levar essa informação para a sociedade não indígena, para que comecem a compreender a importância desses lugares e o modo de conhecimento dos povos indígenas do Alto Rio Negro.



Lideranças Tukano do Alto Rio Negro visitam o Bahserikowi

No dia 10 de abril, o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi recebeu a visita de lideranças do povo Tukano para dialogar com a equipe e apresentar a Escola Viva, as atividades desenvolvidas, os sonhos e os desafios. O Bahserikowi é um espaço para acolher os parentes a fim de construir um diálogo e compartilhar conhecimentos sobre a medicina indígena e as lutas pelos direitos para concretizar o Bem Viver dos povos indígenas.

Álvaro Tukano, um dos líderes do grupo visitante, relatou sobre a luta árdua para conseguir as demarcações das Terras Indígenas na região do Alto Rio Negro, pensando nas futuras gerações. Para ele, a terra, a floresta e os rios fazem parte essencial da vida indígena. Aproveitando o momento de estar no Bahserikowi, o professor e *kumu* João Bosco fez o *bahsese* (benzimento) para as pessoas não indígenas que acompanharam o grupo.



Encontro de Medicina Indígena em parceria com a Fiocruz

Entre os dias 12 e 14 de abril, o Centro de Medicina Indígena participou do encontro de pesquisa do projeto Medicina Indígena e Bem Viver nas Políticas Públicas e Desenvolvimento das Populações no Amazonas. No início, o projeto contou com a parceria do UNICEF e da Fiocruz; atualmente, está sendo coordenado por Júlio César, pesquisador da Fiocruz. O trabalho é desenvolvido com o objetivo de fortalecer as práticas de cura nos territórios indígenas. O evento reuniu especialistas e pesquisadores indígenas dos territórios do Alto Rio Negro, da área Yanomami do Alto Rio Solimões e das Terras Indígenas Araribóia, no Maranhão e no Pará.

No primeiro dia de encontro, a equipe do Bahserikowi se apresentou e cada um falou um pouco sobre o espaço e as atividades que vêm desenvolvendo durante esses cinco anos de existência. Os *kumuã* Durvalino Kisibi e Anacleto Doe fizeram o ritual de saudações para os participantes do encontro.

A equipe do Bahserikowi tocou *kariçú* (instrumento tradicional) para encerrar e agradecer a sua parceria com a Fiocruz. O trabalho desenvolvido tem o objetivo de fortalecer as práticas de cura nos territórios indígenas. Durante o encontro, foram discutidos vários temas sobre a medicina indígena e como é praticada em cada região. Também foi feito um planejamento sobre como trabalhar em cada região e sobre as logísticas que serão necessárias.



Wiõmahsã: rapé e roda de conversa e as vivências com os kumuã

No dia 19 de abril, o Bahserikowi realizou o evento *Wiõmahsã* em comemoração ao Dia dos Povos Indígenas. A programação iniciou com o ritual de saudações de boas-vindas pelos kumuã e troca de mürorõ (cigarro benzido) pelo Durvalino Kisibi do povo Desana e Anacleto Doe do povo Tukano. Esse ritual é muito praticado nas festas como forma de cumprimento e saudação aos convidados e é significativo para os povos do Alto Rio Negro. Após o ritual, tocaram os instrumentos tradicionais kariçu, mawaco e flauta, sendo que os toques desses instrumentos musicais em festas são imprescindíveis. O kumu Durvalino falou aos convidados que ele vem de uma geração de especialistas como yai, baya e kumuã, e que por isso recebeu o nome de Kisibi, para poder dar continuidade às práticas e aos conhecimentos desana, que lhe foram deixados como legado. Também contou sobre a importância de dar valor às práticas de cura e aos conhecimentos que lhe foram repassados pelo seu pai Diakuro, que foi um grande detentor de saberes dos kumu e baya. Os kumuã são homens-remédio, e são, sobretudo, eternos cientistas, por estarem sempre preparados para descobrir novas formas de cura.

O kumu Anacleto Doe relatou que adquiriu seus conhecimentos junto ao seu avô Ponciano, que fora o último yai na região do rio Tiquie, e que deu continuidade a essas práticas com seu pai Ovídio. Ele enfatizou aos participantes que os cuidados com o corpo iniciam quando a criança ainda está dentro do útero da mãe. O kumu contou que já curou várias pessoas desde que começou a atender no Bahserikowi, e que para isso é preciso que os kumuã (especialistas) cuidem do seu corpo para poder

tratar as enfermidades dos outros. Relatou também que existem tratamentos que exigem dietas e regras; assim como, na formação para se tornar um especialista, teve que passar por regras e dietas muito rígidas.

Os kumuã do Centro assopraram murorõ de wetidaresse (cigarro benzido) nos participantes para proteger o corpo das doenças e afastar as coisas negativas. Também sopraram rapé e tomaram chá da folha de ipadu, preparado por Carla Wisu. Esse chá possui a função de curar diarreia, diabetes, certas doenças respiratórias, além de ajudar no relaxamento do corpo e ajudar na memorização. Para finalizar o evento, os kumuã fizeram cantos e tocaram kariçu para se despedir dos participantes.



Centro de Medicina Indígena Bahserikowi no ATL

No mês de abril, a equipe do Bahserikowi recebeu o convite das organizações responsáveis pelo Acampamento Terra Livre (ATL) em Brasília para participar da Tenda de Medicina Tradicional. O kumu Durvalino Kisibi foi o especialista responsável por fazer os atendimentos. Durvalino atendeu cerca de 200 pessoas participantes do ATL que necessitavam de tratamento de saúde, sendo, na maioria, indígenas de diferentes povos de todo o Brasil. Foi uma experiência muito válida de muita partilha e aprendizado para a equipe do Bahserikowi e o kumu, pois as atividades foram para além da cura e prevenção, mas as tarefas eram contínuas. No momento da marcha, por exemplo, a equipe participou tocando os instrumentos musicais usados na região do Alto Rio Negro, para mostrar que são várias as formas de resistir: pode ser através da cura, mas também no toque das flautas, na fala, nas pinturas do grafismo e no uso de plantas medicinais, entre outras coisas.

Além de acompanhar o Kumu, a equipe do Bahserikowi teve momentos de diálogos com pesquisadores, professores, líderes e parentes. Também participou dando uma palestra aos discentes do curso de Medicina da Universidade de Brasília (UnB), expondo sobre as formas de tratar a saúde e prevenção indígenas, e de como surgem as doenças na falta de cuidados do corpo, na visão dos especialistas kumuã.



Recebendo a visita dos alunos da Escola Estadual

No início do mês de maio, o Bahserikowi recebeu a visita de alunos e alunas do Ensino Médio da Escola Estadual Francisco Albuquerque para conhecerem mais sobre as atividades realizadas e aprimorarem os conhecimentos sobre as culturas indígenas. Durante três dias, seis turmas foram fazer a visita, ouvir e aprender sobre a medicina indígena praticada no Centro. Os alunos e alunas também puderam ouvir sobre os motivos que impulsionaram a fundação do Centro de Medicina Indígena e conversaram sobre os diferentes modos de viver e de entender o mundo, e a importância de acompanhar as constelações, pois funcionam como um bioindicador do tempo, sendo o calendário cosmológico. Também foi falado sobre as línguas indígenas, explicando por que muitos indígenas perderam seus idiomas com a chegada dos colonizadores, mas algumas línguas resistiram, como a que é falada pelos colaboradores do Bahserikowi. Também se compartilhou sobre a comida e os diferentes modos de educação, trazendo uma reflexão de que os pais, avós e os mais velhos da aldeia são como uma escola, pois estão constantemente ensinando.



Encontro de movimentos e sociedade civil (Abayomi)

No dia internacional de luta contra a LGBTfobia, Ivan Barreto e Carla Fernandes receberam convite dos jovens coordenadores do coletivo Miriã Mahsã, que falaram das dificuldades que enfrentam por serem indígenas e LGBTQIA+. Os jovens ressaltaram que precisam ser reconhecidos pelos representantes e serem ouvidos pelo próprio movimento indígena.



Preparação para festa de comemoração de seis anos de existência

Em junho se comemora seis anos da fundação do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. Os colaboradores, com apoio dos familiares, vêm realizando alguns ajustes ao prédio do Centro, como pintura das paredes, do piso, das janelas, das portas e também realização de mudanças na decoração do espaço. As pinturas estão sendo finalizadas, mas ainda falta decidir a decoração da casa, que ainda está sendo planejada pela equipe e pelos kumuã.



Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho junto com outras lideranças desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho ao longo de anos pensando nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas de SP). Cuido do diálogo com as quatro escolas vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. Sonha com contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: anaivera@usp.br

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais.

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir às atividades oferecidas,
sugerimos [apoio às Escolas Vivas](#).